

SUBMARINO SUL-AFRICANO ABASTECE BA's EM SOFALA

— revela amnistiado José Vasco Fombe

Um submarino auxiliado por três helicópteros fez descarregamento, em finais do ano passado, de grandes quantidades de material bélico, entre o qual armas AK-47, roquetes e minas de bazooka, para os bandidos armados. A operação foi dirigida por indivíduos de raça branca tidos como sul-africanos, a coberto da noite, numa zona de Cheringoma, de acesso à denominada base Nhamatope (Cheringoma) na costa de Sofala.

Das declarações do amnistiado António Vasco Fombe, de 21 anos e que durante cinco anos esteve no banditismo armado desempenhando, desde Novembro de 1986, a actividade de enfermagem, admite-se que a mesma região, precisamente na praia que ele disse chamar-se «Flor», podem estar a continuar os abastecimentos

sul-africanos para os bandidos armados.

«Vi em Novembro do ano passado um barco que tinha três helicópteros, descarregando material, armas e medicamentos à noite na praia de Flor. Nós fomos lá partindo de Nhamatope. O barco só descarregava o material à noite e não acendia nenhuma luz nem fazia ruído. Quando amanhecia o barco ia para o fundo da água e voltava à superfície de noite» — afirmou António Vasco Fombe a propósito,

O amnistiado António Vasco Fombe disse que o referido submarino transportava material que era retirado através de três helicópteros até à praia. «Nós e outras populações estávamos à espera fora para carregar os medicamentos, minas de bazooka, roque

tes, armas AK-47 e outros materiais. Estávamos acompanhados de comandos» — disse.

Questionado se tais operações sucediam-se ou não, o entrevistado disse que «eu apenas fui carregar o material uma vez. O meu serviço era de tratar feridos, que outras vezes eram operados por brancos que vinham com Dhlakama. Esses brancos não falavam português, falavam inglês, mas entre eles dizia-se que há engenheiros e também médicos que operavam os feridos em caso de estilhaços».

Os tais indivíduos de raça branca, António Vasco Fombe identificou-os como sul-africanos, porque conversavam em inglês ou «língua que eu não entendia, mas os outros que estiveram na África do Sul a tirar cursos percebiam o que falavam».

* Pormenores em próximas edições